



RECORDAÇÃO E MEMÓRIA CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE ARAPIRACA. TRILHANDO PELA CULTURA DAS BORDAS

RAFAEL RODRIGUES DA SILVA
PATRICIA ROBERTA BARBOSA DE OLIVEIRA
ABISAG FERREIRA FERRO

EIXO: 8. EDUCAÇÃO, CULTURA E RELIGIÃO

Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Silva – Ufal – Mestre em Ciências da Religião e Teologia e Doutor em Comunicação e Semiótica

Patrícia Roberta Barbosa de Oliveira – Ufal licenciada em história e graduanda em Arquitetura e Turismo

Abisag Ferreira Ferro – graduanda em Letras

Resumo

A memória e recordação cultural dos velhos e das velhas de Arapiraca é um importante instrumento para a reconstrução da história da cidade. Nesta perspectiva pesquisamos o saber circulante na memória dos antigos moradores de Arapiraca com o objetivo de contribuir para uma sistematização da história presente nas falas, nas histórias, nos contos, nos registros dos acontecimentos e nos textos circulantes na sociedade. Um dos perigos para a história cultural reside na perda da memória social, cultural e coletiva da cidade e, neste sentido, recolher as memórias dos velhos e produzir uma análise das recordações através de uma metodologia de análise do discurso coletivo se espera contribuir para que tanto o acervo existente e as memórias dos velhos de Arapiraca não sejam varridos pelo tempo.

Palavras-Chave: Memória – Recordação – Cultura - história

Abstract

The memory and remembrance cultural of the old men and women Arapiraca is an important tool for the reconstruction of the city's history. In this perspective we research the current knowledge in memory of the former inhabitants of Arapiraca in order to contribute to a systematization of this story in the words, the stories, the tales, the records of events and texts circulating in society. One of the dangers to cultural history is the loss of social memory, cultural and collective city and in this sense, collect the memories of the old and produce an analysis of the memories through a methodology of collective discourse is expected to contribute to both the existing acquis and the memories of Arapiraca old are not swept away by time.

Keywords: Memory – Remembrance – Cultura - history

RECORDAÇÃO E MEMÓRIA CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE ARAPIRACA. TRILHANDO PELA CULTURA DAS BORDAS

Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Silva – Ufal – Mestre em Ciências da Religião e Teologia e Doutor em Comunicação e Semiótica

Patrícia Roberta Barbosa de Oliveira – Ufal licenciada em história e graduanda em Arquitetura e Turismo

Abisag Ferreira Ferro – graduanda em Letras

Resumo

A memória e recordação cultural dos velhos e das velhas de Arapiraca é um importante instrumento para a reconstrução da história da cidade. Nesta perspectiva pesquisamos o saber circulante na memória dos antigos moradores de Arapiraca com o objetivo de contribuir para uma sistematização da história presente nas falas, nas histórias, nos contos, nos registros dos acontecimentos e nos textos circulantes na sociedade. Um dos perigos para a história cultural reside na perda da memória social, cultural e coletiva da cidade e, neste sentido, recolher as memórias dos velhos e produzir uma análise das recordações através de uma metodologia de análise do discurso coletivo se espera contribuir para que tanto o acervo existente e as memórias dos velhos de Arapiraca não sejam varridos pelo tempo.

Palavras-Chave: Memória – Recordação – Cultura - história

Abstract

The memory and remembrance cultural of the old men and women Arapiraca is an important tool for the reconstruction of the city's history. In this perspective we research the current knowledge in memory of the former inhabitants of Arapiraca in order to contribute to a systematization of this story in the words, the stories, the tales, the records of events and texts circulating in society. One of the dangers to cultural history is the loss of social memory, cultural and collective city and in this sense, collect the memories of the old and produce an analysis of the memories through a methodology of collective discourse is expected to contribute to both the existing acquis and the memories of Arapiraca old are not swept away by time.

Keywords: Memory – Remembrance – Cultura - history

A memória é muito mais uma reconstrução criativa do que uma simples recordação exata dos acontecimentos, pois na reconstrução de uma dada conjuntura e situação política as pessoas, envolvidas ou não, obterão a lembrança ao cruzar os seus dados e noções comuns com os dos outros. Assim a lembrança acontece na medida em que o indivíduo se coloca desde o ponto de vista do outro. A interação entre memória individual e memória coletiva se assenta na história vivida e não na história aprendida[i]; pois “ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo”. [ii]

Na leitura das narrativas populares percebemos muitas vezes o texto não como a apresentação da realidade, mas como um dos materiais necessários e imprescindíveis para a reconstruí-la.[iii] Nesta tentativa de reconstrução, o texto traz as marcas da memória e do esquecimento.

O esquecimento pode ser visto como um dos mecanismos utilizados pelas culturas hegemônicas e colonizadoras para apagar certos elementos da tradição que estão presentes na memória coletiva. Porém, podemos percebê-lo como um fundamento (pivô) no universo das narrativas poéticas e contos populares.[iv] Esquecimento e memória devem ser vistos como instrumentos de ação, onde os fatos selecionados pelos indivíduos e/ou comunidade e o esquecimento demarcam a originalidade do que está sendo narrado. “O esquecimento seria responsável pela continuidade, pela memória e até pela lembrança (...). É o esquecimento que vem quebrar uma certa continuidade na ordem mental, sendo responsável pela criação de uma outra ordem”. [v]

Entendendo a memória como a capacidade de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações é que nos deparamos com a memória individual que contém as vivências e experiências de um indivíduo (mesmo inserido num determinado grupo social), com a memória coletiva que traz à tona fatos e aspectos da vida social que são julgados relevantes pela sociedade e, com as memórias subterrâneas ou marginais que correspondem às versões sobre o passado dos grupos dominados e que são transmitidas oralmente[vi].

Para Maurice Halbwachs a memória nada mais é do que uma construção coletiva sobre o passado assentada nas condições sociais que o grupo vivencia no presente. Assim, a lembrança do passado fornece informações ao grupo sobre o seu presente, fazendo com que tanto o passado quanto o presente se projete sobre o outro. Por um lado, a memória age como uma lente cultural que determina a visão e a interpretação que o grupo venha a ter sobre os fatos que vivencia e, por outro lado, ao retratar o passado ela desempenha um papel fundamental na construção da identidade do grupo[vii].

John Dominic Crossan ao tratar de memória e lembrança vai dizer que lembramos por um processo reconstrutivo e que

“Esse processo reconstrutivo mistura fatos recordados de uma ocorrência real com outros vistos, ouvidos ou imaginados de ocorrências semelhantes. Esse processo reconstrutivo recorda a essência em vez do detalhe, o centro em vez da periferia – e alguém precisa então decidir o que é o quê. (No testemunho ocular para a identificação de um assassino, por exemplo, a barba é essência ou detalhe, centro ou periferia?) Esse processo reconstrutivo muitas vezes reivindica exatidão e veracidade iguais para aquilo que realmente recordamos e para o que criativamente inventamos”. [viii]

Mais adiante Crossan vai afirmar duas importantes funções da memória:

“Por um lado, sua função é ligar-nos ao passado de maneira tal que possamos sobreviver no presente e projetar o futuro. Ela faz isso admiravelmente. Por outro lado, se a memória retivesse tudo que ouviu ou viu, nosso sistema humano seria levado à imobilidade. E se não fosse programada para organizar e reorganizar o passado, para recriar e reinventar o passado, é provável que ficássemos congelados no tempo e no espaço para sempre”. [ix]

No entanto, a memória “está presente nas construções do passado. O que recordamos não é exatamente igual ao que já aconteceu, uma vez que ao mesmo tempo em que construímos o passado, ele também nos constrói. Temos bastante segurança em afirmar que o passado aconteceu, mas não temos muita certeza de como ele aconteceu. Reconhecemos, portanto, que nossas memórias são incertas e confusas. Ainda assim, a memória nos dá uma noção de distância no tempo que não surge apenas de imagens que construímos do passado”. [x]

Halbwachs ao defender o caráter social da memória, aponta dois aspectos cruciais, de um lado a sua oposição aos sonhos e afasias e, do outro a inserção da memória no âmbito da linguagem social. [xi] Halbwachs não descarta a presença do indivíduo como relevante para o pensamento social. Segundo ele, apesar de o homem só poder ter memória de seu passado enquanto ser social, cada homem traz em si uma forma particular de inserção nos diversos meios em que atua. Para ele cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, e esse ponto de vista varia de acordo com o lugar social que é ocupado; e este lugar, por sua vez, muda em função das relações que se tem com outros *meios* sociais. [xii]

Henry Rousso apresenta a conotação de que a memória é uma espécie de *voz do passado* constantemente reconstruída tanto pelo indivíduo quanto pelo contexto em que ele está inserido (família, sociedade, nação). [xiii]

Para Michael Pollak nas correlações entre memória e identidade social (no âmbito das histórias de vida e da história oral) tem como pano de fundo as obras de Fernand Braudel e Pierre Nora [xiv] e de Maurice Halbwachs. [xv] Pollak chega a apresentar alguns elementos constitutivos da memória individual e coletiva: (a) os acontecimentos vividos pessoalmente; (b) os acontecimentos *vividos por tabela* (são os acontecimentos vividos pelo grupo ou coletividade à qual a pessoa se sente pertencer), nos quais a pessoa pode nem ter participado dos acontecimentos, mas que no nível do imaginário se encontra tão envolvida que não consegue distinguir se participou ou não [xvi]; (c) a memória é constituída por pessoas e personagens (encontradas no decorrer da vida e que são freqüentadas por tabela); (d) existem lugares da memória que podem estar associados a uma lembrança pessoal (lugar de férias na infância), a comemorações ou lugares muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa (por exemplo, a memória da África que se torna herança e/ou sentimento de pertencimento). [xvii]

Além de apresentar o conceito de *memória herdada* e de que nas lembranças muitas vezes encontramos os fenômenos de projeção, Pollak vai dizer que a memória é seletiva (*nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado*) e se constitui num fenômeno construído (“o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”). [xviii]

Ao falar de memória política, Pollak apresenta o conceito de *trabalho de enquadramento da memória*. De um lado, a própria memória já efetua um trabalho de manutenção, coerência, unidade, continuidade e organização e, de outro, a função de “intelectuais orgânicos”, principalmente os historiadores, que tem a grande tarefa de enquadrar a memória.

“(…) se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fonte de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta”. [xix]

Memória, esquecimento e silêncio. [xx] é o texto em que Michael Pollak apresenta algumas pistas importantes para a compreensão da memória social e coletiva. Em primeiro lugar é preciso levar em conta os vários pontos de referência que estruturam a memória coletiva e que “ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais”. [xxi]

A escola durkheimiana tratou os fatos sociais como coisas, agora é preciso analisar como os fatos sociais se tornam coisas e de que maneira no estudo da memória coletiva podemos perceber os processos e os atores sociais na constituição e formação das memórias. “Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a

história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à 'Memória oficial', no caso a memória nacional".[xxii] No que se refere às memórias em disputa (memória oficial versus memória subterrânea), Pollak apresenta dois exemplos de reescrita da história no processo de destalinização: a denúncia de crimes estalinistas no XX Congresso do PC da União Soviética e o silêncio dos sobreviventes dos campos de concentração. No primeiro, deparamos com uma "memória proibida" que ocupa os espaços, comprovando a separação entre a sociedade civil e a ideologia oficial (poder hegemônico). Para Pollak este exemplo revela a sobrevivência desde os porões da opressão de lembranças traumáticas, que souberam esperar o momento propício para se expressar. É o silêncio do passado que conduz à resistência. Quanto ao segundo exemplo, é o silêncio que busca responder à necessidade de um *modus vivendi* junto com aqueles que testemunharam a deportação; bem como, revela uma tentativa de não provocar sentimento de culpa na maioria. É o silêncio para evitar a culpabilização das vítimas.

Quanto ao *enquadramento da memória* ou *memória enquadrada* devemos levar em conta que as memórias coletivas têm um papel fundamental na coesão dos grupos e/ou organizações da sociedade. No entanto, para Pollak um trabalho de enquadramento sempre vem acompanhado de limitações. Uma delas pode estar nos imperativos de justificação das ações, que acaba adiando a reconstrução dos fatos. Outra, está na direção que se dá ao material fornecido pela história. Contudo, "os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas. A memória é assim guardada e solidificada nas pedras (...)".

Nas lembranças mais próximas, o trabalho de enquadramento da memória é de ordem sensorial: barulho, cheiro, cores. Diante das dificuldades de captar toda a memória em objetos, um bom instrumento são os filmes.

As memórias coletivas são de suma importância para a perenidade do "tecido social". Porém, é preciso ressaltar que a integração das memórias coletivas na memória nacional dominante não traz nenhum problema para o poder e a oficialidade. O mesmo não pode ser dito com relação às memórias subterrâneas.

"Se a análise do trabalho de enquadramento de seus agentes e seus traços materiais é uma chave para estudar, de cima para baixo, como as memórias coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas, o procedimento inverso, aquele que, com os instrumentos da história oral, parte das memórias individuais, faz aparecer os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais".[xxiii]

Devemos ter presente que *história não é o mesmo que narrativa. Mesmo que toda história seja narrativa, nem toda narrativa é história...História é o passado reconstruído interativamente pelo presente, por meio de argumentos comprováveis em apresentação pública*[xxiv].

O saber que vem das tradições e transmissões orais estabelece novos campos seja para aqueles que buscam aprofundar a passagem da oralidade para o campo da literatura quanto para as novas vertentes da historiografia que apontam para o sentido por trás das palavras, apreendendo-as como expressão de relações sociais, que orientam percepções, hábitos, modos de pensar e de viver. Sem abandonar o caminho já trilhado pela história social, faz-se necessário ir aos encaixes da história cultural, conhecida pelos estudos de Lynn Hunt, Natalie Zemon Davis e Carlo Ginzburg. Nesta perspectiva, tais estudos nos apontarão para o conceito de representação em correlação com as práticas sociais, formando assim um imaginário social. A história, aqui, entendida como narrativa, representada através do texto e da imagem que se constrói por trás do texto. Assim, nossa intenção nessa aproximação é demonstrar que a história que foi construída é apenas uma possibilidade entre outras de descrever as representações do passado.

Em conexão com a história cultural, principalmente no que se refere aos conceitos de imaginário social, memória social e coletiva, é preciso buscar aproximações também com a antropologia na leitura e compreensão das tradições e do conhecimento da realidade no semiárido alagoano em conexão com a forma de pensar e imaginar/recriar a vida. Aliás, um dos aspectos de grande importância na nova história cultural reside na história social da linguagem e dos costumes. Paul Zumthor vai nos ajudar a partir do seu entendimento do termo oralidade enquanto *vocalidade*, pois, na voz não só transita a linguagem como também é de onde nasce o sentido e transborda a palavra. É um repensar as relações entre oralidade e escritura, linguagem e história com a "intenção de trazer para o campo do historiador discussões sobre tradições de oralidade/escritura e problematizações sobre a escrita e a impressão para além da invenção técnica, apreendendo-as como expressão de relações sociais que orientam percepções, hábitos mentais, modos de pensar e de viver".

Nos aportes da oralidade e da história oral para a pesquisa acerca das tradições e história de Arapiraca somos devedores dos seguintes autores: Peter Burke. *A arte da conversação* e *História social da linguagem*; Roger Chartier. *A história cultural*; Natalie Zenon Davis. *Culturas do povo* e Paul Zumthor. *A letra e a voz*.

Podemos entender o termo "cultura" como uma rede tecida por várias conexões, interligações e intercruzamentos. Não

se pode, com isso, partir de uma única definição. É preciso, pois, percebê-la em suas variedades. É o que notamos nas aproximações entre a antropologia cultural e a nova história cultural com a história social da linguagem e dos costumes. Perceber a cultura como uma rede de significados e principalmente trilhar em meio às incertezas nas definições do que seja cultura popular são instigantes para a discussão sobre as origens de um determinado segmento social ou povoado. Tanto o trabalho hermenêutico do receptor (ler, escutar, refletir, discutir e interpretar) quanto o produto do mesmo estão situados num contexto sócio-histórico-cultural específico. A compreensão da conjuntura cultural a partir da Nova História e da Antropologia nos guiará por um caminho de pesquisa que prescindirá da metodologia tradicional e convencional de simplesmente recolher em forma de entrevistas as falas dos velhos e velhas e que levará a uma compreensão das estruturas simbólicas, das experiências e memória subjacentes aos seus relatos e retalhos da história de Arapiraca.

Escrever a história muitas vezes é uma atividade muito próxima da memória. O ato de narrar já por si carrega a tarefa de manter viva a memória dos fatos e acontecimentos.

“Talvez seja esta a chave. Escrever para que os fatos não se apaguem, para que a memória não seja varrida pelo vento. Escrever para registrar as coisas e dar nome às coisas. Escrever o que não se deve esquecer...”. Apesar das semelhanças entre a memória e a história (trabalham com o mesmo substrato), elas têm diferenças. A construção da história tem como uma das finalidades a de escrever para que os fatos e acontecimentos não sejam apagados da memória e não caiam no mais completo esquecimento. Vale salientar que a escrita e a lembrança do passado (no que concerne à seleção feita pelos indivíduos ou pelos mais distintos grupos sociais) vêm carregadas de intencionalidades, interpretações e até mesmo de distorções.

O estudo sobre o espaço e a recordação cultural apresentado por Aleida Assmann é imprescindível para a construção de uma análise das lembranças dos velhos e velhas de Arapiraca. As imagens espaciais desempenham um papel importante na memória coletiva, pois o lugar carrega as marcas e as impressões do grupo. Os conceitos de memória trabalhados por Ecléa Bosi (*Memória e sociedade. Lembranças de velhos*) e o de texto como reconstrução cultural na Semiótica da Cultura na obra de Iuri Lotman (*O texto no texto*) fornece uma dimensão das lembranças presentes-ausentes na memória das pessoas mais velhas de Arapiraca e ao mesmo tempo ao relatarem suas lembranças, torna-se perceptível outras lembranças que estão presentes em suas expressões corporais.

[i] Maurice Halbwachs. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2004. Veja o primeiro capítulo: Memória Coletiva e Memória Individual, pp.29-56.

[ii] Idem. Ibidem., p.71. Nas páginas 166-167, Maurice Halbwachs faz a seguinte afirmação: “Assim, cada sociedade recorta o espaço a seu modo (...) de modo a constituir um quadro fixo onde encerra e localiza suas lembranças (...) . Não é certo então, que para lembrar-se, seja necessário se transportar em pensamento para fora do espaço, pois pelo contrário é somente a imagem do espaço que, em razão de sua estabilidade, dá-nos a ilusão de não mudar através do tempo e de encontrar o passado no presente; mas é assim que podemos definir a memória; e o espaço só é suficientemente estável para poder durar sem envelhecer, nem perder nenhuma de suas partes”.

[iii] Iuri Lotman afirma que “todo texto contribui tanto para a memória como para o esquecimento. E um texto não é então a ‘realidade’ mas os materiais para reconstruí-la. (...) a transformação da vida em texto não é interpretação, mas a introdução de eventos na memória coletiva”. *Tipologia della Cultura*. Apud. Jerusa Pires Ferreira. *Cultura é memória. Revista USP*, São Paulo (24), Dez/Fev, 1994/95, p.118.

[iv] Paul Zumthor. *Tradição e Esquecimento*. São Paulo: Hucitec, 1997, p.16. Veja Jerusa Pires Ferreira. *Armadilhas da memória e outros ensaios*. Cotia –SP: Ateliê Editorial, 2004, pp.91-127. “Mas o que fica em várias passagens ressaltado é que de um modo ou de outro a cultura se dirige contra o esquecimento. Vive-o, transformando-o num dos mecanismos da memória. Por consequência, podem-se criar hipóteses sobre precisas limitações no volume da memória coletiva que determinaram a substituição de uns textos por outros. Mostra que existe um profundo abismo entre o *esquecimento* enquanto elemento de memória e enquanto elemento de destruição desta memória. Ocorre levar em conta que uma das formas mais agudas de luta social na esfera da cultura é a imposição de uma espécie de esquecimento obrigatório de determinados aspectos da experiência histórica. É claro que esta afirmação tem de ser relativizada, e não existe passividade que acolha totalmente um “esquecimento obrigatório”, imposto por um sistema político ou pela comunicação de massas”. p.79.

- [v] Jerusa Pires Ferreira. *Armadilhas da memória e outros ensaios...*, p.94.
- [vi] Olga Rodrigues de Moraes von Simson. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do centro de memória da Unicamp. In: <http://www.ufpa.br/nupe/artigo1.htm> (retirado da Internet no dia 10/09/2004).
- [vii] Veja Paul Connerton. *How Societies Remember*, Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p.37.
- [viii] John Dominic Crossan. *O nascimento do Cristianismo. O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Edições Paulinas, 2004, p.107.
- [ix] Idem, p.124.
- [x] Myrian Sepúlveda dos Santos. *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo: Annablume, 2003, p.93.
- [xi] Maurice Halbwachs. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Mouton, 1976, p.272-273.
- [xii] Myriam Moraes Lins de Barros. Memória e Família. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 30.
- [xiii] Henry Rousso. A memória não é mais o que era. In: Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira (coord.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1966, p.93-101.
- [xiv] *Les lieux de la mémoire* representa uma tentativa de se buscar uma metodologia para apreender, nos vestígios da memória, aquilo que pode relacionar identidade social e as histórias de vida com a memória política.
- [xv] *A memória coletiva*, que delimitou a memória como fenômeno coletivo e social.
- [xvi] É neste aspecto que Michael Pollak fala de *memória herdada*.
- [xvii] Michael Pollak. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, vol. 5, n.10, 1992, pp.200-212 (tradução de Monique Augras e edição de Dora Rocha).
- [xviii] Idem.
- [xix] Idem.
- [xx] Michael Pollak. Mémoire, oubli, silence. In: *Une identité blessée. Études de sociologie et d'histoire*. Paris: Éditions Métailié, 1993, pp.17-39. No Brasil foi publicado na Revista *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, pp.3-15 (tradução de Dora Rocha Flaksman).
- [xxi] Michael Pollak. *Memória, esquecimento, silêncio*, p.3. Retoma os estudos dos diferentes pontos de referência que se inserem na memória da coletividade apontados por Maurice Halbwachs e que foram analisados por Pierre Nora.
- [xxii] Idem.
- [xxiii] Idem
- [xxiv] John Dominic Crossan. *O nascimento do Cristianismo. O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Edições Paulinas, 2004, p.60.

RECORDAÇÃO E MEMÓRIA CULTURAL NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DE ARAPIRACA. TRILHANDO PELA CULTURA DAS BORDAS

Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Silva – Ufal – Mestre em Ciências da Religião e Teologia e Doutor em Comunicação e Semiótica

Patrícia Roberta Barbosa de Oliveira – Ufal licenciada em história e graduanda em Arquitetura e Turismo
Abisag Ferreira Ferro – graduanda em Letras

Resumo

A memória e recordação cultural dos velhos e das velhas de Arapiraca é um importante instrumento para a reconstrução da história da cidade. Nesta perspectiva pesquisamos o saber circulante na memória dos antigos moradores de Arapiraca com o objetivo de contribuir para uma sistematização da história presente nas falas, nas histórias, nos contos, nos registros dos acontecimentos e nos textos circulantes na sociedade. Um dos perigos para a história cultural reside na perda da memória social, cultural e coletiva da cidade e, neste sentido, recolher as memórias dos velhos e produzir uma análise das recordações através de uma metodologia de análise do discurso coletivo se espera contribuir para que tanto o acervo existente e as memórias dos velhos de Arapiraca não sejam varridos pelo tempo.

Palavras-Chave: Memória – Recordação – Cultura - história

Abstract

The memory and remembrance cultural of the old men and women Arapiraca is an important tool for the reconstruction of the city's history. In this perspective we research the current knowledge in memory of the former inhabitants of Arapiraca in order to contribute to a systematization of this story in the words, the stories, the tales, the records of events and texts circulating in society. One of the dangers to cultural history is the loss of social memory, cultural and collective city and in this sense, collect the memories of the old and produce an analysis of the memories through a methodology of collective discourse is expected to contribute to both the existing acquis and the memories of Arapiraca old are not swept away by time.

Keywords: Memory – Remembrance – Cultura - history

A memória é muito mais uma reconstrução criativa do que uma simples recordação exata dos acontecimentos, pois na reconstrução de uma dada conjuntura e situação política as pessoas, envolvidas ou não, obterão a lembrança ao cruzar os seus dados e noções comuns com os dos outros. Assim a lembrança acontece na medida em que o indivíduo se coloca desde o ponto de vista do outro. A interação entre memória individual e memória coletiva se assenta na história vivida e não na história aprendida[i]; pois “ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo”.[ii]

Na leitura das narrativas populares percebemos muitas vezes o texto não como a apresentação da realidade, mas como um dos materiais necessários e imprescindíveis para a reconstruí-la.[iii] Nesta tentativa de reconstrução, o texto traz as marcas da memória e do esquecimento.

O esquecimento pode ser visto como um dos mecanismos utilizados pelas culturas hegemônicas e colonizadoras para apagar certos elementos da tradição que estão presentes na memória coletiva. Porém, podemos percebê-lo como um fundamento (pivô) no universo das narrativas poéticas e contos populares.[iv] Esquecimento e memória devem ser vistos como instrumentos de ação, onde os fatos selecionados pelos indivíduos e/ou comunidade e o esquecimento demarcam a originalidade do que está sendo narrado. “O esquecimento seria responsável pela continuidade, pela memória e até pela lembrança (...). É o esquecimento que vem quebrar uma certa continuidade na ordem mental, sendo responsável pela criação de uma outra ordem”.[v]

Entendendo a memória como a capacidade de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações é que nos deparamos com a memória individual que contém as vivências e experiências de um indivíduo (mesmo inserido num determinado grupo social), com a memória coletiva que traz à tona fatos e aspectos da vida social que são julgados relevantes pela sociedade e, com as memórias subterrâneas ou marginais que correspondem às versões sobre o passado dos grupos dominados e que são transmitidas oralmente[vi].

Para Maurice Halbwachs a memória nada mais é do que uma construção coletiva sobre o passado assentada nas condições sociais que o grupo vivencia no presente. Assim, a lembrança do passado fornece informações ao grupo sobre o seu presente, fazendo com que tanto o passado quanto o presente se projete sobre o outro. Por um lado, a memória age como uma lente cultural que determina a visão e a interpretação que o grupo venha a ter sobre os fatos que vivencia e, por outro lado, ao retratar o passado ela desempenha um papel fundamental na construção da

identidade do grupo[vii].

John Dominic Crossan ao tratar de memória e lembrança vai dizer que lembramos por um processo reconstrutivo e que

“Esse processo reconstrutivo mistura fatos recordados de uma ocorrência real com outros vistos, ouvidos ou imaginados de ocorrências semelhantes. Esse processo reconstrutivo recorda a essência em vez do detalhe, o centro em vez da periferia – e alguém precisa então decidir o que é o quê. (No testemunho ocular para a identificação de um assassino, por exemplo, a barba é essência ou detalhe, centro ou periferia?) Esse processo reconstrutivo muitas vezes reivindica exatidão e veracidade iguais para aquilo que realmente recordamos e para o que criativamente inventamos”.[viii]

Mais adiante Crossan vai afirmar duas importantes funções da memória:

“Por um lado, sua função é ligar-nos ao passado de maneira tal que possamos sobreviver no presente e projetar o futuro. Ela faz isso admiravelmente. Por outro lado, se a memória retivesse tudo que ouviu ou viu, nosso sistema humano seria levado à imobilidade. E se não fosse programada para organizar e reorganizar o passado, para recriar e reinventar o passado, é provável que ficássemos congelados no tempo e no espaço para sempre”.[ix]

No entanto, a memória “está presente nas construções do passado. O que recordamos não é exatamente igual ao que já aconteceu, uma vez que ao mesmo tempo em que construímos o passado, ele também nos constrói. Temos bastante segurança em afirmar que o passado aconteceu, mas não temos muita certeza de como ele aconteceu. Reconhecemos, portanto, que nossas memórias são incertas e confusas. Ainda assim, a memória nos dá uma noção de distância no tempo que não surge apenas de imagens que construímos do passado”.[x]

Halbwachs ao defender o caráter social da memória, aponta dois aspectos cruciais, de um lado a sua oposição aos sonhos e afasias e, do outro a inserção da memória no âmbito da linguagem social.[xi] Halbwachs não descarta a presença do indivíduo como relevante para o pensamento social. Segundo ele, apesar de o homem só poder ter memória de seu passado enquanto ser social, cada homem traz em si uma forma particular de inserção nos diversos meios em que atua. Para ele cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, e esse ponto de vista varia de acordo com o lugar social que é ocupado; e este lugar, por sua vez, muda em função das relações que se tem com outros *meios* sociais.[xii]

Henry Rousso apresenta a conotação de que a memória é uma espécie de *voz do passado* constantemente reconstruída tanto pelo indivíduo quanto pelo contexto em que ele está inserido (família, sociedade, nação).[xiii]

Para Michael Pollak nas correlações entre memória e identidade social (no âmbito das histórias de vida e da história oral) tem como pano de fundo as obras de Fernand Braudel e Pierre Nora[xiv] e de Maurice Halbwachs.[xv] Pollak chega a apresentar alguns elementos constitutivos da memória individual e coletiva: (a) os acontecimentos vividos pessoalmente; (b) os acontecimentos *vividos por tabela* (são os acontecimentos vividos pelo grupo ou coletividade à qual a pessoa se sente pertencer), nos quais a pessoa pode nem ter participado dos acontecimentos, mas que no nível do imaginário se encontra tão envolvida que não consegue distinguir se participou ou não[xvi]; (c) a memória é constituída por pessoas e personagens (encontradas no decorrer da vida e que são freqüentadas por tabela); (d) existem lugares da memória que podem estar associados a uma lembrança pessoal (lugar de férias na infância), a comemorações ou lugares muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa (por exemplo, a memória da África que se torna herança e/ou sentimento de pertencimento).[xvii]

Além de apresentar o conceito de *memória herdada* e de que nas lembranças muitas vezes encontramos os fenômenos de projeção, Pollak vai dizer que a memória é seletiva (*nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado*) e se constitui num fenômeno construído (“o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização”).[xviii]

Ao falar de memória política, Pollak apresenta o conceito de *trabalho de enquadramento da memória*. De um lado, a própria memória já efetua um trabalho de manutenção, coerência, unidade, continuidade e organização e, de outro, a função de “intelectuais orgânicos”, principalmente os historiadores, que tem a grande tarefa de enquadrar a memória.

“(…) se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fonte de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta”.[xix]

Memória, esquecimento e silêncio,[xx] é o texto em que Michael Pollak apresenta algumas pistas importantes para a compreensão da memória social e coletiva. Em primeiro lugar é preciso levar em conta os vários pontos de referência que estruturam a memória coletiva e que “ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais”.[xxi]

A escola durkheimiana tratou os fatos sociais como coisas, agora é preciso analisar como os fatos sociais se tornam coisas e de que maneira no estudo da memória coletiva podemos perceber os processos e os atores sociais na

constituição e formação das memórias. “Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘Memória oficial’, no caso a memória nacional”. [xxii] No que se refere às memórias em disputa (memória oficial versus memória subterrânea), Pollak apresenta dois exemplos de reescrita da história no processo de destalinização: a denúncia de crimes estalinistas no XX Congresso do PC da União Soviética e o silêncio dos sobreviventes dos campos de concentração. No primeiro, deparamos com uma “memória proibida” que ocupa os espaços, comprovando a separação entre a sociedade civil e a ideologia oficial (poder hegemônico). Para Pollak este exemplo revela a sobrevivência desde os porões da opressão de lembranças traumáticas, que souberam esperar o momento propício para se expressar. É o silêncio do passado que conduz à resistência. Quanto ao segundo exemplo, é o silêncio que busca responder à necessidade de um *modus vivendi* junto com aqueles que testemunharam a deportação; bem como, revela uma tentativa de não provocar sentimento de culpa na maioria. É o silêncio para evitar a culpabilização das vítimas.

Quanto ao *enquadramento da memória* ou *memória enquadrada* devemos levar em conta que as memórias coletivas têm um papel fundamental na coesão dos grupos e/ou organizações da sociedade. No entanto, para Pollak um trabalho de enquadramento sempre vem acompanhado de limitações. Uma delas pode estar nos imperativos de justificação das ações, que acaba adiando a reconstrução dos fatos. Outra, está na direção que se dá ao material fornecido pela história. Contudo, “os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas. A memória é assim guardada e solidificada nas pedras (...)”.

Nas lembranças mais próximas, o trabalho de enquadramento da memória é de ordem sensorial: barulho, cheiro, cores. Diante das dificuldades de captar toda a memória em objetos, um bom instrumento são os filmes.

As memórias coletivas são de suma importância para a perenidade do “tecido social”. Porém, é preciso ressaltar que a integração das memórias coletivas na memória nacional dominante não traz nenhum problema para o poder e a oficialidade. O mesmo não pode ser dito com relação às memórias subterrâneas.

“Se a análise do trabalho de enquadramento de seus agentes e seus traços materiais é uma chave para estudar, de cima para baixo, como as memórias coletivas são construídas, desconstruídas e reconstruídas, o procedimento inverso, aquele que, com os instrumentos da história oral, parte das memórias individuais, faz aparecer os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais”. [xxiii]

Devemos ter presente que *história não é o mesmo que narrativa. Mesmo que toda história seja narrativa, nem toda narrativa é história... História é o passado reconstruído interativamente pelo presente, por meio de argumentos comprováveis em apresentação pública* [xxiv].

O saber que vem das tradições e transmissões orais estabelece novos campos seja para aqueles que buscam aprofundar a passagem da oralidade para o campo da literatura quanto para as novas vertentes da historiografia que apontam para o sentido por trás das palavras, apreendendo-as como expressão de relações sociais, que orientam percepções, hábitos, modos de pensar e de viver. Sem abandonar o caminho já trilhado pela história social, faz-se necessário ir aos encaixes da história cultural, conhecida pelos estudos de Lynn Hunt, Natalie Zemon Davis e Carlo Ginzburg. Nesta perspectiva, tais estudos nos apontarão para o conceito de representação em correlação com as práticas sociais, formando assim um imaginário social. A história, aqui, entendida como narrativa, representada através do texto e da imagem que se constrói por trás do texto. Assim, nossa intenção nessa aproximação é demonstrar que a história que foi construída é apenas uma possibilidade entre outras de descrever as representações do passado.

Em conexão com a história cultural, principalmente no que se refere aos conceitos de imaginário social, memória social e coletiva, é preciso buscar aproximações também com a antropologia na leitura e compreensão das tradições e do conhecimento da realidade no semiárido alagoano em conexão com a forma de pensar e imaginar/recriar a vida. Aliás, um dos aspectos de grande importância na nova história cultural reside na história social da linguagem e dos costumes. Paul Zumthor vai nos ajudar a partir do seu entendimento do termo oralidade enquanto *vocalidade*, pois, na voz não só transita a linguagem como também é de onde nasce o sentido e transborda a palavra. É um repensar as relações entre oralidade e escritura, linguagem e história com a “intenção de trazer para o campo do historiador discussões sobre tradições de oralidade/escritura e problematizações sobre a escrita e a impressão para além da invenção técnica, apreendendo-as como expressão de relações sociais que orientam percepções, hábitos mentais, modos de pensar e de viver”.

Nos aportes da oralidade e da história oral para a pesquisa acerca das tradições e história de Arapiraca somos devedores dos seguintes autores: Peter Burke. *A arte da conversação* e *História social da linguagem*; Roger Chartier. *A história cultural*; Natalie Zenon Davis. *Culturas do povo* e Paul Zumthor. *A letra e a voz*.

Podemos entender o termo “cultura” como uma rede tecida por várias conexões, interligações e intercruzamentos. Não se pode, com isso, partir de uma única definição. É preciso, pois, percebê-la em suas variedades. É o que notamos nas aproximações entre a antropologia cultural e a nova história cultural com a história social da linguagem e dos costumes. Perceber a cultura como uma rede de significados e principalmente trilhar em meio às incertezas nas definições do que seja cultura popular são instigantes para a discussão sobre as origens de um determinado segmento social ou povoado. Tanto o trabalho hermenêutico do receptor (ler, escutar, refletir, discutir e interpretar) quanto o produto do mesmo estão situados num contexto sócio-histórico-cultural específico. A compreensão da conjuntura cultural a partir da Nova História e da Antropologia nos guiará por um caminho de pesquisa que prescindirá da metodologia tradicional e convencional de simplesmente recolher em forma de entrevistas as falas dos velhos e velhas e que levará a uma compreensão das estruturas simbólicas, das experiências e memória subjacentes aos seus relatos e retalhos da história de Arapiraca.

Escrever a história muitas vezes é uma atividade muito próxima da memória. O ato de narrar já por si carrega a tarefa de manter viva a memória dos fatos e acontecimentos.

“Talvez seja esta a chave. Escrever para que os fatos não se apaguem, para que a memória não seja varrida pelo vento. Escrever para registrar as coisas e dar nome às coisas. Escrever o que não se deve esquecer...”. Apesar das semelhanças entre a memória e a história (trabalham com o mesmo substrato), elas têm diferenças. A construção da história tem como uma das finalidades a de escrever para que os fatos e acontecimentos não sejam apagados da memória e não caiam no mais completo esquecimento. Vale salientar que a escrita e a lembrança do passado (no que concerne à seleção feita pelos indivíduos ou pelos mais distintos grupos sociais) vêm carregadas de intencionalidades, interpretações e até mesmo de distorções.

O estudo sobre o espaço e a recordação cultural apresentado por Aleida Assmann é imprescindível para a construção de uma análise das lembranças dos velhos e velhas de Arapiraca. As imagens espaciais desempenham um papel importante na memória coletiva, pois o lugar carrega as marcas e as impressões do grupo. Os conceitos de memória trabalhados por Ecléa Bosi (*Memória e sociedade. Lembranças de velhos*) e o de texto como reconstrução cultural na Semiótica da Cultura na obra de Iuri Lotman (*O texto no texto*) fornece uma dimensão das lembranças presentes-ausentes na memória das pessoas mais velhas de Arapiraca e ao mesmo tempo ao relatarem suas lembranças, torna-se perceptível outras lembranças que estão presentes em suas expressões corporais.

[i] Maurice Halbwachs. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2004. Veja o primeiro capítulo: Memória Coletiva e Memória Individual, pp.29-56.

[ii] Idem. *Ibidem.*, p.71. Nas páginas 166-167, Maurice Halbwachs faz a seguinte afirmação: “Assim, cada sociedade recorta o espaço a seu modo (...) de modo a constituir um quadro fixo onde encerra e localiza suas lembranças (...)”. Não é certo então, que para lembrar-se, seja necessário se transportar em pensamento para fora do espaço, pois pelo contrário é somente a imagem do espaço que, em razão de sua estabilidade, dá-nos a ilusão de não mudar através do tempo e de encontrar o passado no presente; mas é assim que podemos definir a memória; e o espaço só é suficientemente estável para poder durar sem envelhecer, nem perder nenhuma de suas partes”.

[iii] Iuri Lotman afirma que “todo texto contribui tanto para a memória como para o esquecimento. E um texto não é então a ‘realidade’ mas os materiais para reconstruí-la. (...) a transformação da vida em texto não é interpretação, mas a introdução de eventos na memória coletiva”. *Tipologia della Cultura*. Apud. Jerusa Pires Ferreira. *Cultura é memória. Revista USP*, São Paulo (24), Dez/Fev, 1994/95, p.118.

[iv] Paul Zumthor. *Tradição e Esquecimento*. São Paulo: Hucitec, 1997, p.16. Veja Jerusa Pires Ferreira. *Armadilhas da memória e outros ensaios*. Cotia –SP: Ateliê Editorial, 2004, pp.91-127. “Mas o que fica em várias passagens ressaltado é que de um modo ou de outro a cultura se dirige contra o esquecimento. Vive-o, transformando-o num dos mecanismos da memória. Por consequência, podem-se criar hipóteses sobre precisas limitações no volume da memória coletiva que determinaram a substituição de uns textos por outros. Mostra que existe um profundo abismo entre o *esquecimento* enquanto elemento de memória e enquanto elemento de destruição desta memória. Ocorre levar em conta que uma das formas mais agudas de luta social na esfera da cultura é a imposição de uma espécie de esquecimento obrigatório de determinados aspectos da experiência histórica. É claro que esta afirmação tem de ser relativizada, e não existe passividade que acolha totalmente um “esquecimento obrigatório”, imposto por um sistema político ou pela comunicação de massas”. p.79.

- [v] Jerusa Pires Ferreira. *Armadilhas da memória e outros ensaios...*, p.94.
- [vi] Olga Rodrigues de Moraes von Simson. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do centro de memória da Unicamp. In: <http://www.ufpa.br/nupe/artigo1.htm> (retirado da Internet no dia 10/09/2004).
- [vii] Veja Paul Connerton. *How Societies Remember*, Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p.37.
- [viii] John Dominic Crossan. *O nascimento do Cristianismo. O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Edições Paulinas, 2004, p.107.
- [ix] Idem, p.124.
- [x] Myrian Sepúlveda dos Santos. *Memória Coletiva e Teoria Social*. São Paulo: Annablume, 2003, p.93.
- [xi] Maurice Halbwachs. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Mouton, 1976, p.272-273.
- [xii] Myriam Moraes Lins de Barros. Memória e Família. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 30.
- [xiii] Henry Rousso. A memória não é mais o que era. In: Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira (coord.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1966, p.93-101.
- [xiv] *Les lieux de la mémoire* representa uma tentativa de se buscar uma metodologia para apreender, nos vestígios da memória, aquilo que pode relacionar identidade social e as histórias de vida com a memória política.
- [xv] *A memória coletiva*, que delimitou a memória como fenômeno coletivo e social.
- [xvi] É neste aspecto que Michael Pollak fala de *memória herdada*.
- [xvii] Michael Pollak. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, vol. 5, n.10, 1992, pp.200-212 (tradução de Monique Augras e edição de Dora Rocha).
- [xviii] Idem.
- [xix] Idem.
- [xx] Michael Pollak. Mémoire, oubli, silence. In: *Une identité blessée. Études de sociologie et d'histoire*. Paris: Éditions Métailié, 1993, pp.17-39. No Brasil foi publicado na Revista *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, pp.3-15 (tradução de Dora Rocha Flaksman).
- [xxi] Michael Pollak. *Memória, esquecimento, silêncio*, p.3. Retoma os estudos dos diferentes pontos de referência que se inserem na memória da coletividade apontados por Maurice Halbwachs e que foram analisados por Pierre Nora.
- [xxii] Idem.
- [xxiii] Idem
- [xxiv] John Dominic Crossan. *O nascimento do Cristianismo. O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo: Edições Paulinas, 2004, p.60.

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 06/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: